

“A CURA RESIDE NO TEMPO DO IMPROVISO SAUDÁVEL, DE CADA FILHO DE FÉ. A CURA É O INTERVALO, O RESTO É BENÇÃO. LAROYE”¹

Por Keka Bagno, Mãe Keka de Borokun¹

(Sob orientação das Sete)

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v6i2.46420>

Fumaça não cura filho de Santo, é apenas uma ferramenta do sagrado disposta a neutralizadores e sentimentos. Vela não cura filho de pemba, ela clareia e incentiva o caminho da Luz. Por mais que a gente queira, não é Orixá quem quebra a demanda, nem mesmo a água no canto do salão, do terreiro ou da tenda, nem o pó de café separado pelo Preto Velho. O fumo, a bebida, a planta no lugar exato da dor, o fogo queimando, nada disso cura um filho de Santo. Talvez porqueo filho procure o Santo do jeito errado, sempre querendo que Ele resolva todos os problemas terrenos e vê Nele uma porta para o milagre. Mas Santo não é milagre, Santo é fundamento, é história de fé, é história de preto. Santo é o mergulho por dentro, Santo é o amor. Santo é aquilo que fica depois da dor, é conversa, é saúde, é lembrança de que até o Santo passa.

Terreiro de Santo não cura seu filho, mas o filho pode curar um terreiro inteiro. Basta queele acredite, que ele transforme, que ele revolucione tudo por dentro até esgotar, inclusive, o sacramento. Até esquecer que ele tem carne, que ele tem rosto e que ele existe a despeito da resistência. É aí que o Santo aparece travesso, risonho, e às vezes até com um terço, fazendo mandinga, mostrando as brechas e ensinando sem catequizar, profetizando sem desgastar. Nesse momento do ponto, o Santo já vem é cantando, mostrando as maravilhas e as promessas que Ele mesmo não fez. O Santo, a macumba, a penitência, a reza, tudo cabe numa rima, mas nada cabe na doença.

Pega firme nesse cachimbo meu filho, defuma tua história, redime sua ancestralidade, costura com pimenta e tempera com dendê! Experimenta a força que, talvez sobre essa força, você nunca vá compreender. E esquece as respostas, o que importa mesmo são as perguntas. Esquece o teu medo, vem ser tua coragem. Abre o

¹ Mãe de Santo no Cazuá da Mãe Divina: onde a memória se reconstitui. Terreiro de Umbanda. É assistente social e mestre em políticas públicas (UnB).

caminho e dê as boas-vindas ao Exu! Não é Santo, é Exu.

Exu é quem proporciona o ritmo. Exu é quem mostra as portas. Exu é quem dá a benção. Exu é quem dá discernimento. Exu é quem atravessa o silêncio rompendo todas as madrugadas, fazendo feitiço em cada canto da encruzilhada. Filho de Santo não tem cura, porque a própria curanão tem cura. E não venha os de fora dizer que é loucura! Laroye.

Orixá não é Santo. Santo não é Orixá. Exu não é cura! A saúde é um mecanismo tal qual doença, não existe entre elas um sagrado elevado. Para existir uma, tem que existir a outra, mas não em equilíbrio. Talvez, seja a única polarização incapaz de ser equilibrada. Se um filho bate na porta pedindo cura, a cura chegará a depender de qual porta o próprio filho abre em si, para a entrada da tecnologia ancestral, espiritual, material – sim ou não – que se encruzam na medicina ocidental e nos benzimentos, nas ervas, no passe, nas memórias e na fé.

Mas veja, só é possível se a porta aberta também estiver para o conhecimento. Não há fé naquilo que não se conhece. Pode haver crença, apego ou desespero. Afinal, quem bate na porta do sagrado já está na confluência destes elementos. Pode-se então afirmar que a cura está na doença? Pode-se afirmar que aquilo que não se vê em matéria é ciência? Pode-se então afirmar que há uma complementariedade na ciência contemporânea, das velhas benzedeadas, no interior da doença e na fé? Bom, talvez esteja em todas elas e no meio delas, mas não necessariamente a cura é o resultado.

Enquanto sacerdócio, nós somos desafiadas em cada pedido, cada dor, cada agradecimento, cada frustração, cada amparo, cada doação, cada conhecimento partilhado. Pois uma sacerdotisa também é gente. Tem dor, tem doença, tem dúvida e não tem acesso a todos os conhecimentos do Astral. Quem é que os têm? Não se questiona Exu, não se questiona Preto Velho, muito menos a Orixá. Mas, por que não? A fé não é questionável? Se fé é conhecimento e a cura vem a partir dessa confluência, como se adquire a confiabilidade que se foi a cura da doença?

Se me permite, sou filha de Exu que teima em Suas travessuras, se assim posso dizer, a tomar a frente do meu saber de meu outro pai, Atoto! Omolu, jovem, *fraco*, desfigurado, doente, abandonado, é o Orixá da saúde. Exu, forte, valente, guerreiro, confiante, o que não teme, é quem está a frente, atrás, no meio, ao lado, no centro da Calunga. Ambos, com a mais velha, minha mãe Nanã, que coisa, não? Decidiram que antes dos meus 30 estaria a exercer o fardo e a graça de ser uma (Iyalorixá) Mãe de

Santo. São vidas entre memórias de uma balzaquiana em conflito com adoença e saúde ou a saúde-doença. O maior cuidado que tenho é em meu Cazuá e na medicina ocidental. Há de se ter responsabilidade e sabermos os limites do sagrado.

Os Cazuás são hospitais, todos os são, todos possibilitam o cuidado. Quando se adentra uma casa espiritual, os trabalhos se iniciam. O alinhamento dos chakras se faz de imediato e simultaneamente ocorre a dúvida do que se procura. Quando um Pai ou uma Mãe lhe olha, já sabem como será o teu derramar em cantigas, na encruzada do cumprimento, no colo do velho ouno sorriso do Erê. Mas, se este derrame for no ombro de um Caboclo, não se engane. Menos ainda se for no grito da cavalgada do Boiadeiro ou no balanço das ondas do Marinheiro.

Engana-se quem romantiza as doces Yabás. Seja Iemanjá, Oxum, Iansã ou tantas mais. A cura se dá por meio do movimento compulsório daquilo que se trouxe ao Cazuá. Não tem adivinhação, não tem milagre! Se não é dito, ficará em derradeira por de baixo das colinas.

Neste mistério descrito, ao adentrar as leituras a seguir, se permita ao conjunto de memórias trazidas por nós, que decidimos nos colocar a serviço da escrita, da oralidade, da intelectualidade, da academia, das ervas, da ciência, da tecnologia e ao sagrado. Nosso aprendizado também é diário. É em cada abertura de porta. Cada filho que entra, cada filho que sai, é uma fé construtora do conhecimento que aqui partilhamos.

O desafio está na crença. Assim, nós te convidamos a se curar. *E, fio, e se suncê precisa, ésó pensá na vovó, que ela vem te ajudá.*